2021

16.9 –
13.11

FUSO MOTRIZ

GALERIA SUPERFÍCIE

DÉBORA BOLSONI

DÉBORA BOLSONI — FUSO MOTRIZ

16.9 — 13.11 2021

DIGRESSÃO COMO MÉTODO

LEANDRO MUNIZ

Chamo nosso mundo de Planolândia não por ser assim que o chamamos, mas para deixar sua natureza mais clara a vocês, meus ditosos leitores, que têm o privilégio de viver no espaço. Imagine uma grande folha de papel sobre a qual linhas retas, triângulos, quadrados, pentágonos, hexágonos e outras figuras, em vez de ficarem fixos em seus lugares, movem-se livremente em uma superfície, mas sem o poder de se elevarem sobre ela ou de mergulharem abaixo dela, assim como as sombras — só que com bordas firmes e luminosas. Assim você terá uma noção bem correta de meu país e de meus compatriotas. (...)
Em tal país, logo se perceberá, é impossível a existência daquilo que você chama de 'sólido', mas ouso dizer que você vai supor que, ao menos, poderíamos distinguir visualmente os triângulos, quadrados e outras figuras se movendo como os descrevi. (...)

Edwin A. Abbott

Foi em abril deste ano que a artista Débora Bolsoni me mostrou seus desenhos sobre chapas de metal. Rapidamente, pude perceber relações com obras anteriores, mas novas decisões de linguagem, informadas indiretamente pelo momento de isolamento no espaço doméstico ao longo de 2020, pareciam gerar mudanças formais, como a presença marcante da *abstração*[1], produzindo um tempo dilatado no trabalho.

A artista pinta chapas metálicas com tinta acrílica usando um rolinho, o que, à distância, parece um papel devido à textura deixada pelo instrumento. Sobre essa superfície branca, desenha com esmalte em *spray*, lápis de cor, grafite e caneta hidrocor, traçando projeções geométricas, gráficos, tabelas, *grids*, formas extraídas de fragmentos de relógios e citações difusas à história da arte.

Se esses códigos, em geral, articulam informações claras, estas não existem nos desenhos, pois Bolsoni lida com uma linguagem instrumental sem submetê-la à simples aferição e transmissão. Quais são os dados que esses gráficos e tabelas indicam? As linhas dos desenhos oscilam, as composições têm um aspecto digressivo e disperso. O gesto é reflexivo, sem *pathos*, com repetições de padrões ou linhas contínuas. As cores, ainda que marcadas pelo sentido de comunicação necessário a esse tipo de ferramenta, variam entre algo nostálgico e até afetivo. Os trabalhos também têm diferentes escalas, assim como os formatos alternam-se entre os tradicionais retângulos e recortes circulares com diversas intersecções — como se as formas dentro do desenho fossem transpostas para o espaço, em um *looping* entre a presença física e imagética. Quando mostradas sobre a parede branca, essas obras parecem um fragmento destacado dela. Também podem ser suspensas, apoioadas em bases, dobradas em diferentes ângulos e apresentadas como cadernos ou prateleiras.

Ao longo de sua trajetória, Bolsoni tem usado materiais de forte carga social, como cimento, comida ou lousas[2]. Sem se tornarem propriamente séries, suas obras, predominantemente esculturas e instalações, problematizam os sentidos usuais dos objetos e dos hábitos sociais cristalizados neles. Como se respondessem à multiplicidade de questões vindas de universos como a confeitaria, a papelaria ou a construção civil, os trabalhos guardam pouca semelhança formal entre si, criando sistemas polissêmicos. Já nesses desenhos, há uma possibilidade infinita de combinações a partir da lida com elementos impessoais, como gráficos, grades ou tabelas, o que, paradoxalmente, gera um *estilo*.

—

Um dos pontos de partida foi "Planolândia: Um romance de muitas dimensões" (1884), do escritor inglês Edwin A. Abott (1838–1926), uma leitura recorrente de Bolsoni há muitos anos. Dividido em duas partes, o livro começa com a descrição de um lugar habitado por formas planas, com o quadrado como personagem principal, em metáfora ao cidadão médio. Naquela hierarquia social, círculos são seres superiores, enquanto segmentos de retas — que na narrativa são mulheres — estão na base da pirâmide. Na segunda parte, uma esfera invade a cidade e apresenta o mundo tridimensional, perturbando a bidimensionalidade de pensamento daquelas formas e suas crenças.

É recorrente que Bolsoni comente a própria história da arte e da cultura, mas retomar Planolândia em um momento de *fake news*, negacionismos e um cotidiano mediado por telas, indiretamente tem implicações de como o *contexto* é internalizado em seu trabalho. Além das diversas camadas de ironia com hábitos sociais arraigados, podemos encontrar alguns paralelos entre essa leitura e seu trabalho, como o trânsito entre formas planas e sua espacialização ou a tensão entre a bidimensionalidade e a sugestão de um espaço tridimensional, no limite, entre o pensamento e o corpo.

—

Nos trabalhos recentes de Bolsoni não há o aspecto antropomórfico de suas obras anteriores. A decisão por apresentar uma exposição de desenhos acena para uma mudança no estatuto do corpo, do tempo e do próprio trabalho. Se esculturas ocupam o mesmo espaço que nós, no desenho — ainda que este seja o indíce de um gesto—, prepondera a visão. Nas tabelas e nos gráficos desenhados pela artista há uma dimensão digressiva que contradiz a projetualidade dessas ferramentas, pois, ao apresentar esses esquemas sem os dados que, em geral, transmitem, a obra gera um tempo interno, especulativo, no qual podemos acompanhar raciocínios, compreender movimentos, rebatimentos e ações, sem chegar às conclusões que essas linguagens pressupõem.

O desenho já era presente em sua prática, mas a ideia de uma superfície neutra não existia até então e, agora que aparece, é uma construção. Na arte e na literatura modernas, esse espaço vazio era considerado em sua potência infinita[3], mas, no trabalho de Bolsoni, a página em branco é um artifício. Nesse sentido, talvez seja mais preciso falar em esvaziamento: ao longo de 2020, diversos artistas passaram a lidar com o espaço doméstico como tema ou materialidade, mas, no caso de Bolsoni, a domesticidade já era um dado, daí a necessidade de construir uma página em branco na qual pudesse agir.
O esvaziamento, a circulação de esquemas sem informação ou o estatuto material ambíguo desses desenhos internalizam algo da experiência social. As mediações do mundo virtual, assim como o estado digressivo ao qual a reclusão no espaço doméstico leva, também, me parece, informam o modo de operar desses trabalhos.

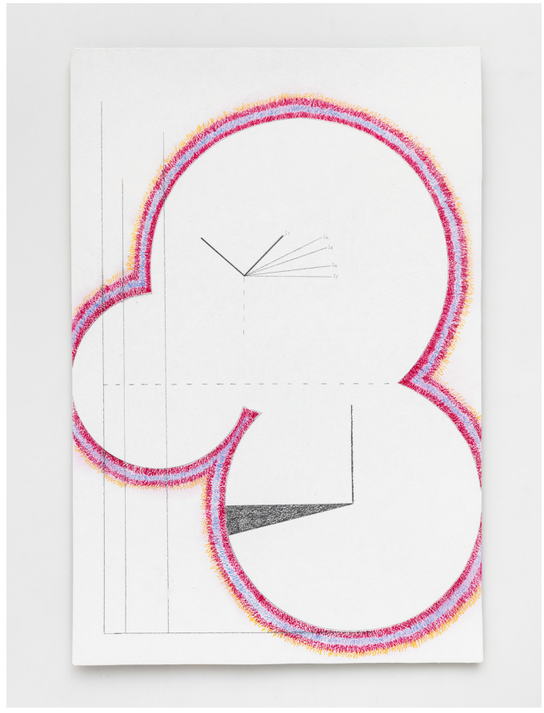
Talvez por isso, uma imagem recorrente seja o círculo e suas variações, em especial nas alusões a relógios de sol e aos mecanismos de relógios analógicos. Compostos por múltiplas engrenagens articuladas entre si, relógios guardam uma simultaneidade de acontecimentos internos que contradizem a suposta sequencialidade marcada por esses aparelhos.
O tempo digressivo e sistêmico, constrastante com a lineridade do mundo produtivo, é um aspecto da obra de Bolsoni e é trazido novamente à tona nesta exposição.
Há um sentido de encadeamento entre os desenhos que reflete uma meditação sobre sua obra como um todo e enfatiza sua aposta na prática artística como um fazer de um tempo dilatado que contrapõe experiências hegemônicas e oprimidas, anônimas e pessoais. Formas são retomadas, citações se repetem, impulsos retornam. Ideias, imagens e matérias são associadas, rebatidas, circulam entre si, mas não se concluem.

NOTAS

1
Sobre as mudanças de estatuto desse conceito ao longo da arte, ver: DAMISCH, Hubert. Remarks on abstraction (2009).

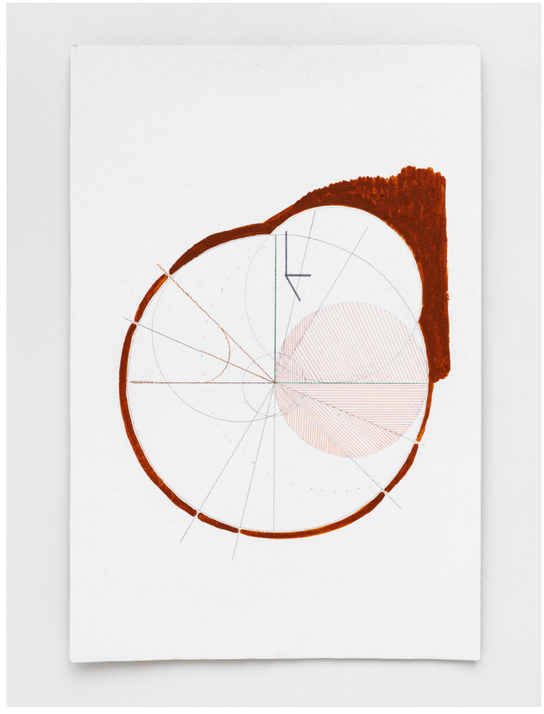
2
Refiro-me a trabalhos como "Bibliotecas dentro fora" (2014), "Buffet de ficção" (2001) ou "Lição de mímese" (2006).

3
O caso mais emblemático talvez seja o elogio à pagina em branco na obra de Mallarmé.



Planos de aferição (projetivo)

2021
Lápis de cor, grafite, esmalte, caneta hidrocor e tinta acrílica sobre chapa metálica
60 × 40 cm



Planos de aferição (círculo interno)

2021
Lápis de cor, grafite, esmalte, caneta hidrocor, guache e tinta acrílica sobre chapa metálica
60 × 40 cm

Pêndulo (nu descendo a escada)

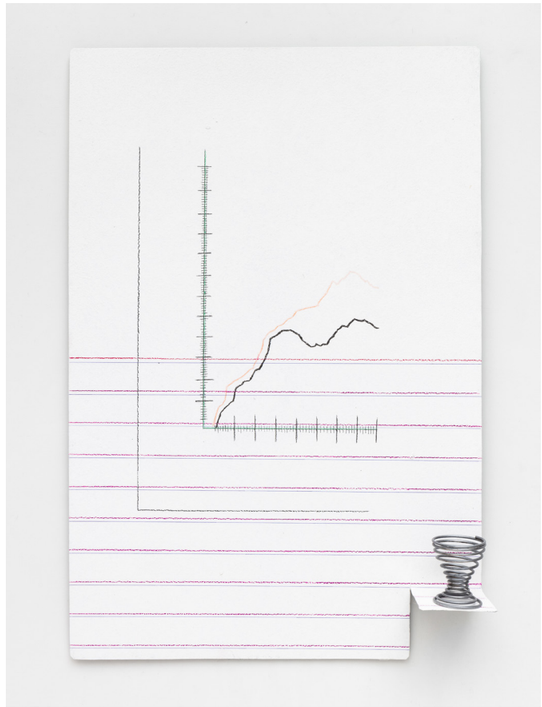
2021
Lápis de cor, grafite, esmalte, caneta hidrocor e tinta acrílica sobre chapa metálica
180 × 90 cm

Mobília para aferir

2021
Lápis de cor, grafite,
esmalte, caneta
hidrocor, guache e tinta
acrílica sobre chapa
metálica, ferro
e cerâmica
37 × 40 × 23 cm

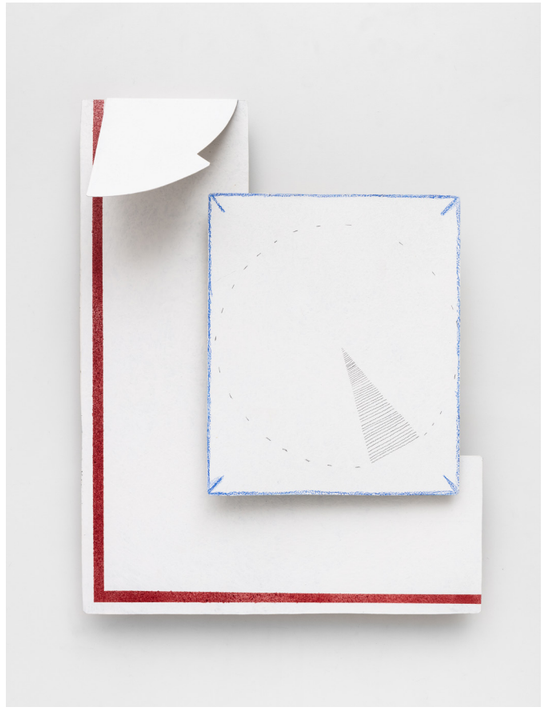
Pequena torre

2021
Lápis de cor, grafite,
esmalte, caneta
hidrocor, guache e tinta
acrílica sobre chapa
metálica
43 × 23 × 3 cm



Mobília para aferir

2021
Lápis de cor, grafite,
esmalte, caneta
hidrocor, guache e tinta
acrílica sobre chapa
metálica e ferro
60 × 40 cm



Marcador

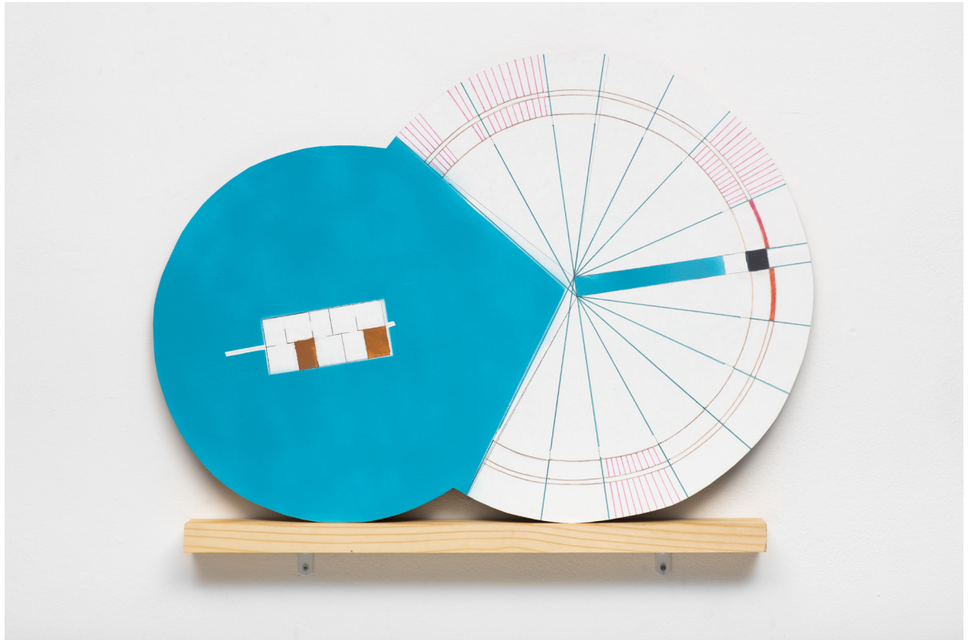
2021
Lápis de cor, grafite,
esmalte e tinta acrílica
sobre chapa metálica
49 × 38 × 10 cm

FUSO MOTRIZ

SETEMBRO 2021

GALERIA SUPERFÍCIE

ANDAR TÉRREO
E SUPERIOR



Horas sobrepostas

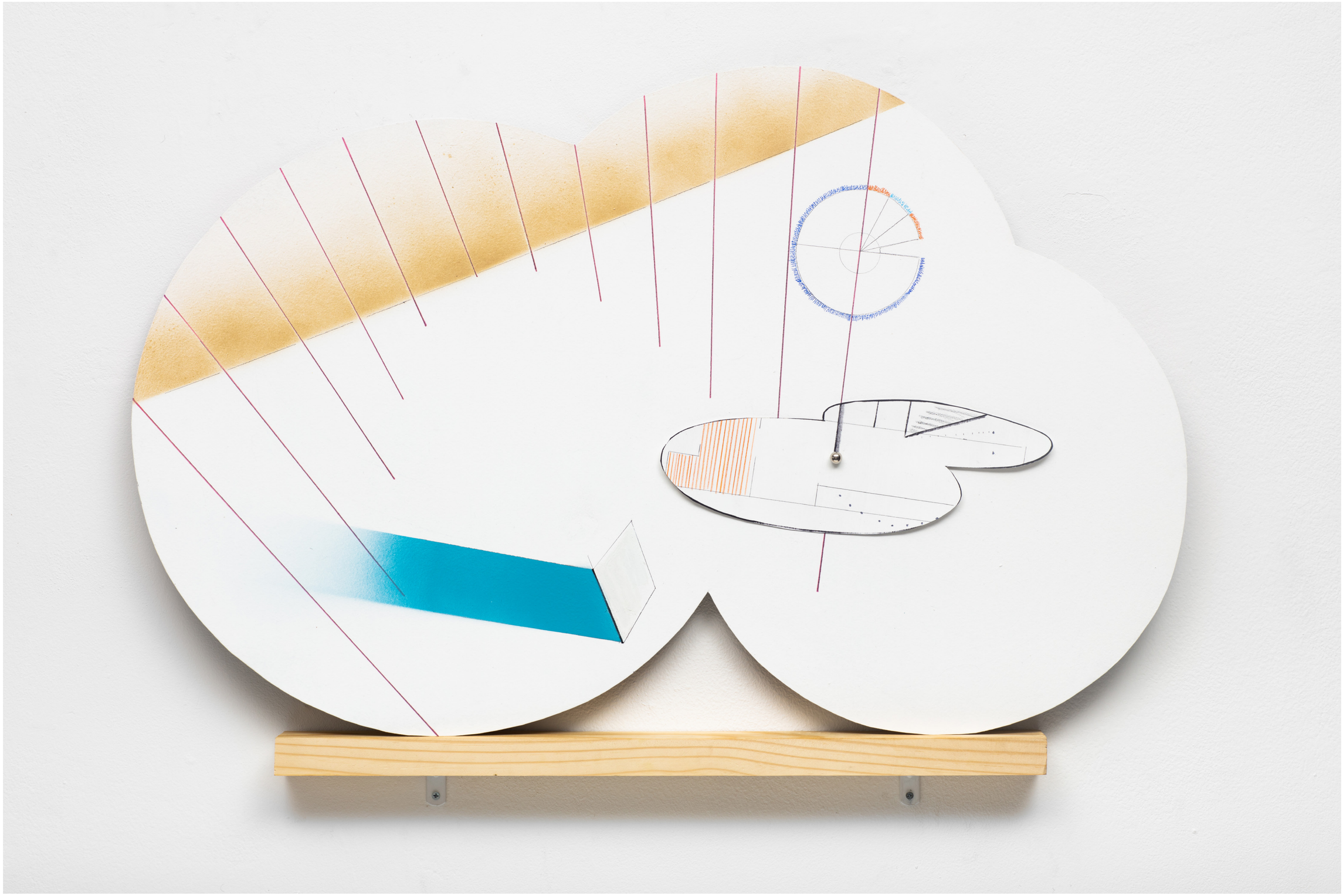
2021
Lápis de cor, grafite, esmalte, caneta hidrocor e tinta acrílica sobre chapa metálica
50 × 70 cm

Horas sobrepostas

2021
Lápis de cor, grafite, esmalte, caneta hidrocor e tinta acrílica sobre chapa metálica
43,5 × 59 cm

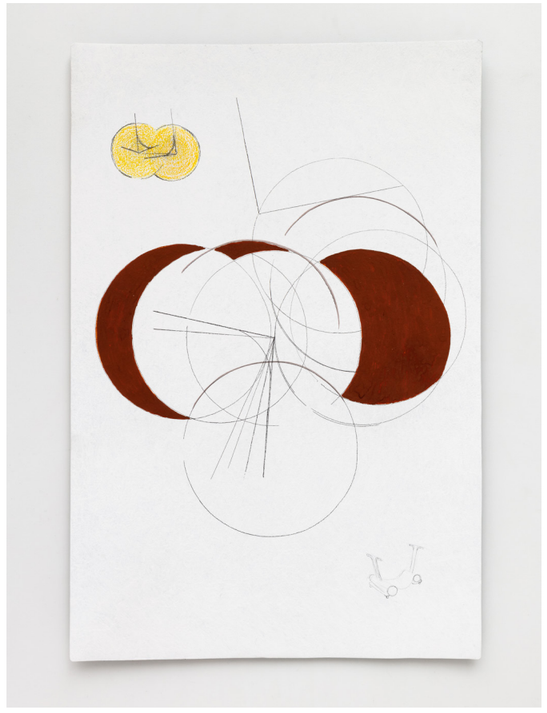
Fabulação mecânica

2021
Lápis de cor, grafite, esmalte, caneta hidrocor, guache e tinta acrílica sobre chapa metálica
150 × 120 × 7 cm



Fuso motriz

2021
Lápis de cor, grafite, esmalte, caneta hidrocor, tinta acrílica, papel cartão e ímã sobre chapa metálica
54 × 84 cm



Planos de aferição (giros)

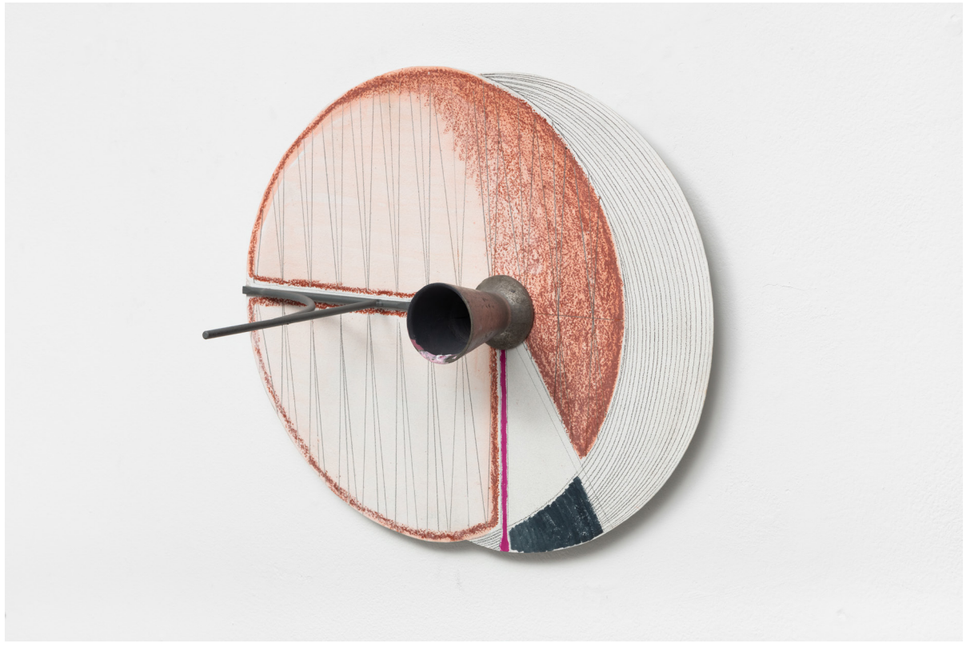
2021
Lápis de cor, grafite, esmalte, caneta hidrocor, guache e tinta acrílica sobre chapa metálica
60 × 40 cm

Planos de aferição (radar)

2021
Lápis de cor, grafite, esmalte, caneta hidrocor, guache e tinta acrílica sobre chapa metálica
60 × 40 cm

Fuso motriz (área)

2021
Lápis de cor, grafite, esmalte, caneta hidrocor, pastel oleoso, tinta acrílica e ferro sobre chapa metálica
60 × 42 cm

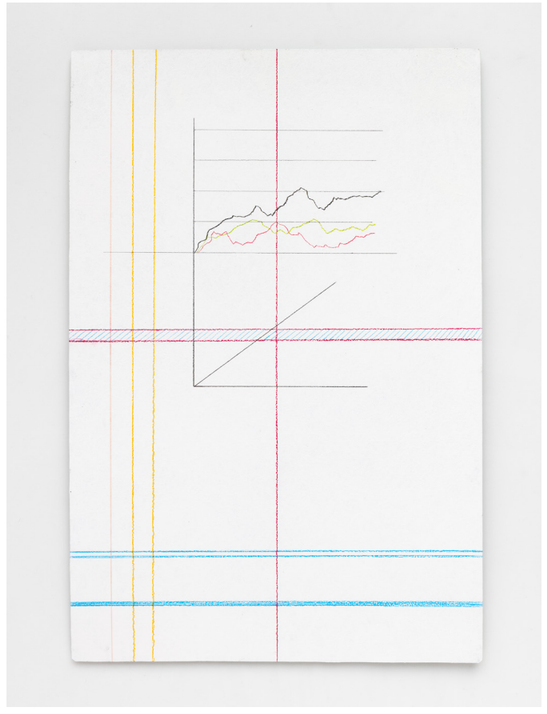


Fuso motriz (história)

2021
Lápis de cor, grafite, esmalte, caneta hidrocor, pastel oleoso, tinta acrílica e ferro sobre chapa metálica
60 × 41 cm

Planos de aferição (ângulos)

2021
Lápis de cor, grafite, esmalte, caneta hidrocor e tinta acrílica sobre chapa metálica
79,5 × 58 cm

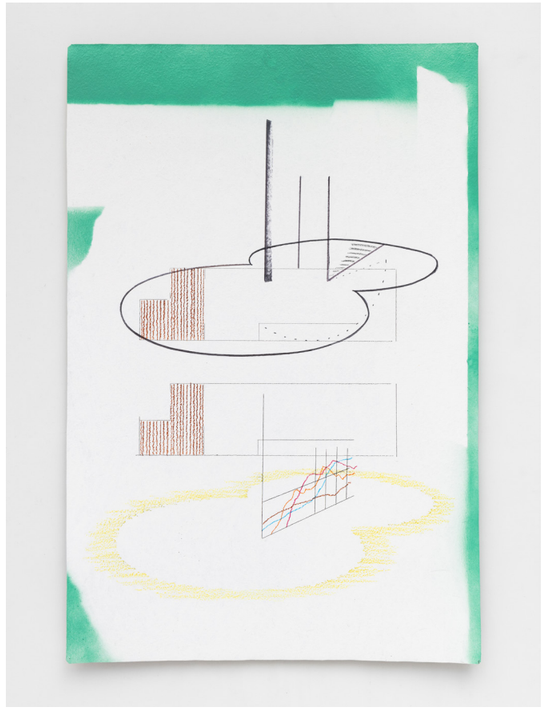


Planos de aferição (têxtil)

2021
Lápis de cor, grafite, esmalte, caneta hidrocor e tinta acrílica sobre chapa metálica
60 × 40 cm

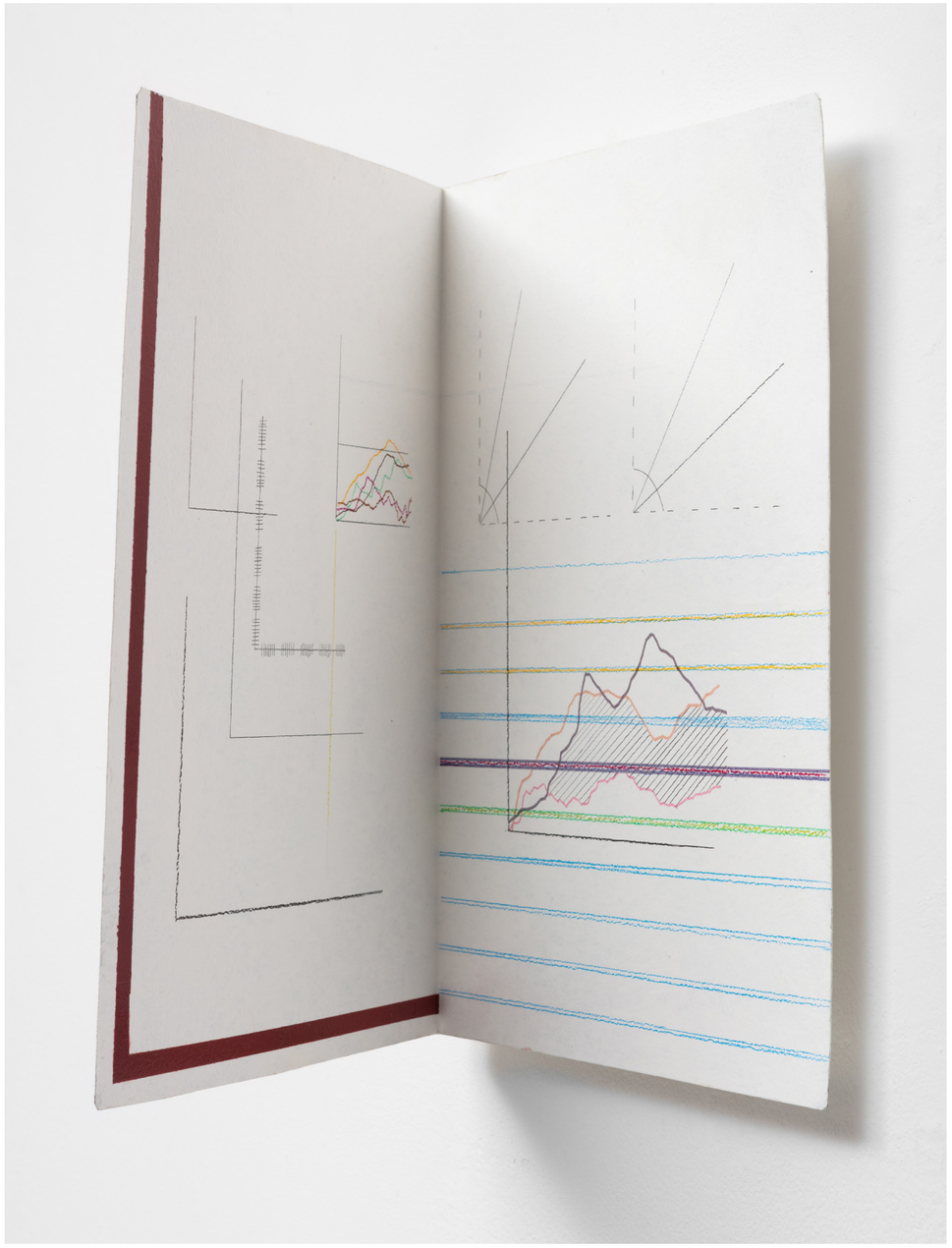
Deslize de cálculo

2021
Lápis de cor, grafite, esmalte, caneta hidrocor e tinta acrílica sobre chapa metálica
60 × 40 cm



Deslize de cálculo

2021
Lápis de cor, grafite, esmalte, caneta hidrocor, guache e tinta acrílica sobre chapa metálica
60 × 40 cm

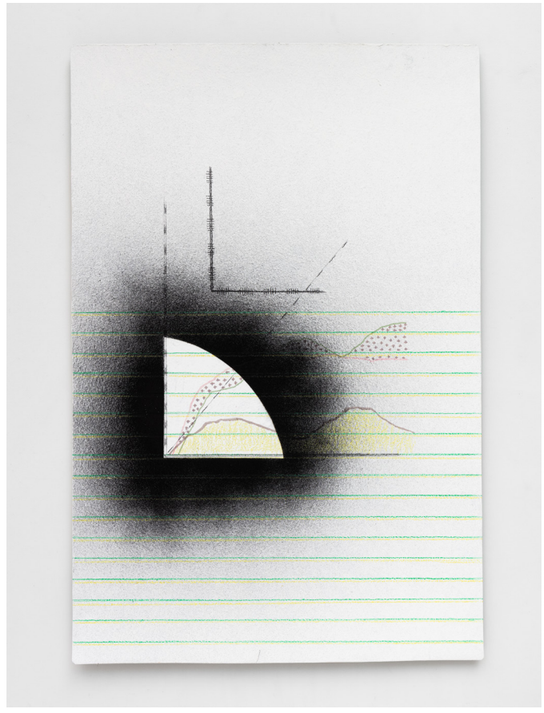


Estudo comparativo 2

2021
Lápis de cor, grafite, esmalte, caneta hidrocor e tinta acrílica sobre chapa metálica Lápis de cor, grafite, esmalte, caneta hidrocor e tinta acrílica sobre chapa metálica
40 × 30 cm

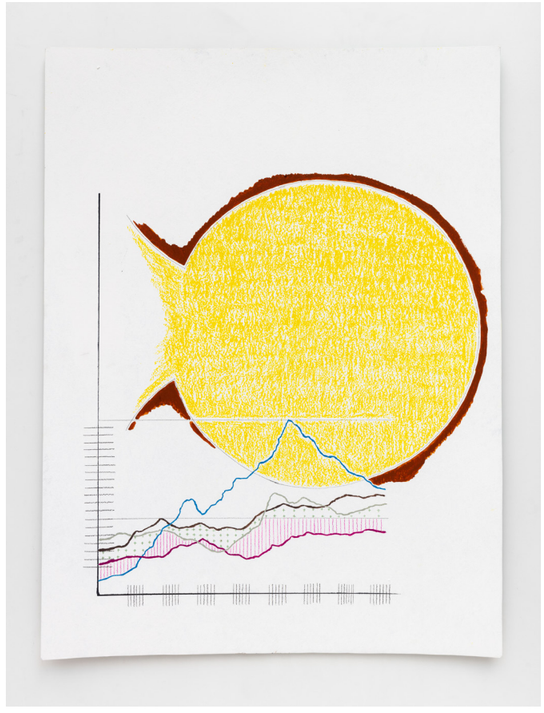
Estudo comparativo 3

2021
Lápis de cor, grafite, esmalte, caneta hidrocor, guache e tinta acrílica sobre chapa metálica
60 × 40 cm



Planos de aferição (quina)

2021
Lápis de cor, grafite, esmalte, caneta hidrocor e tinta acrílica sobre chapa metálica
60 × 40 cm

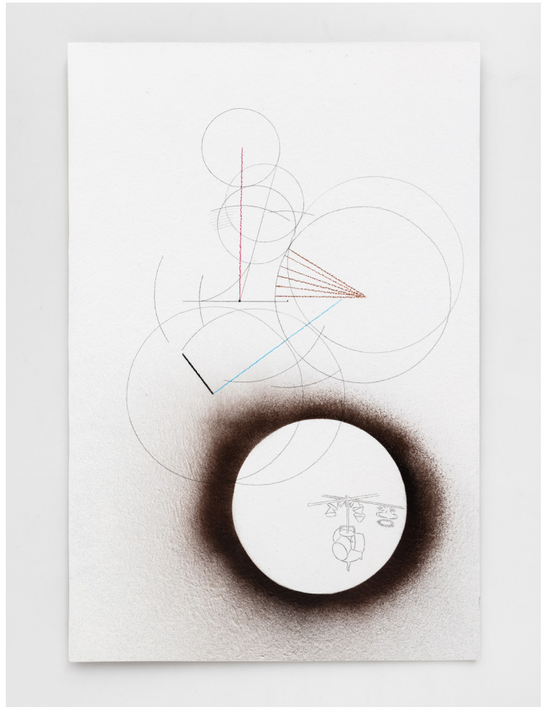


Planos de aferição (grande amarelo)

2021
Lápis de cor, grafite, esmalte, caneta hidrocor, guache e tinta acrílica sobre chapa metálica
80 × 59,5 cm

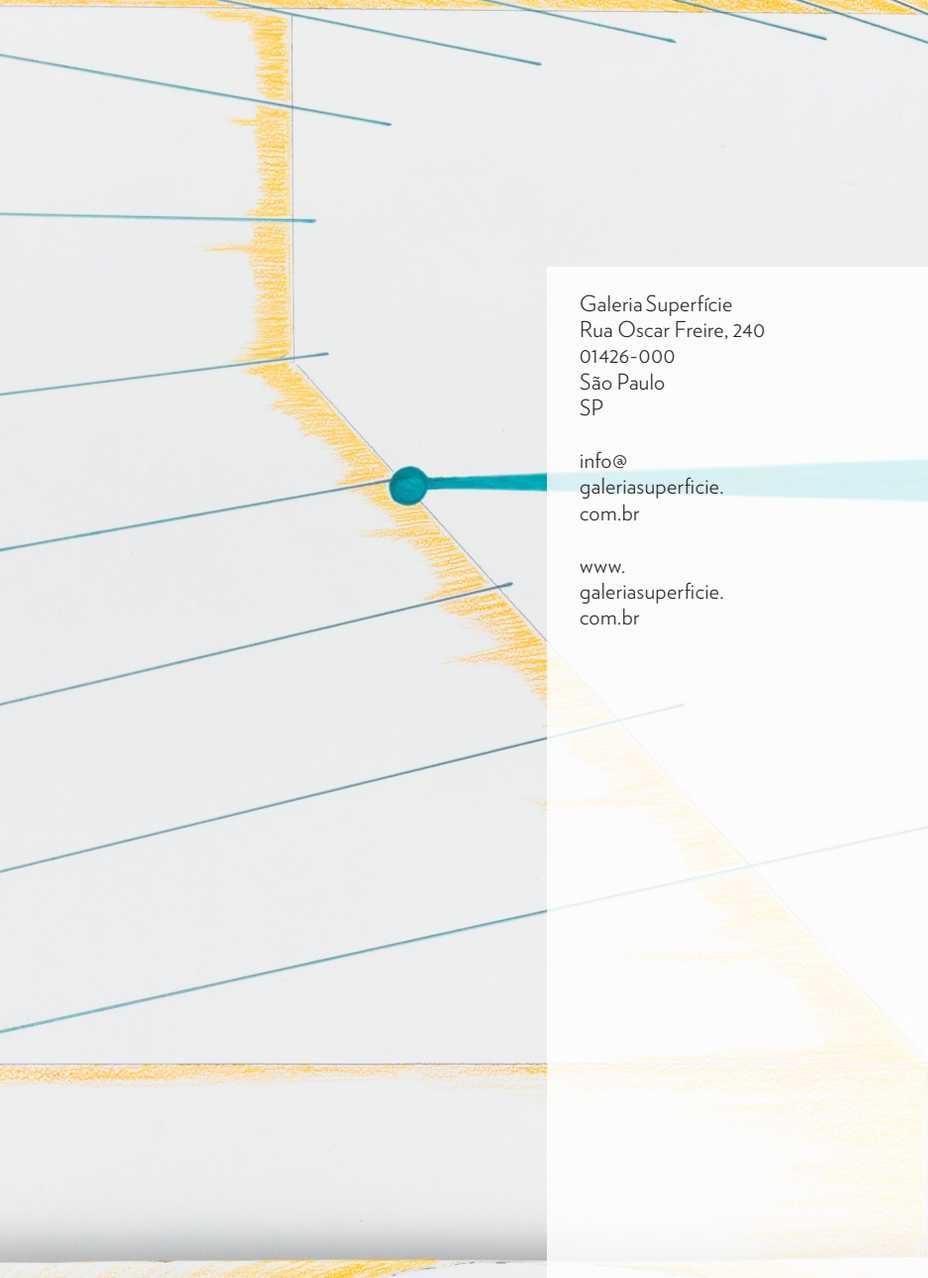
Planos de aferição (trânsito)

2021
Lápis de cor, grafite, esmalte, caneta hidrocor e tinta acrílica sobre chapa metálica
60 × 40 cm



Planos de aferição (máquina celibatária)

2021
Lápis de cor, grafite, esmalte, caneta hidrocor, guache e tinta acrílica sobre chapa metálica
60 × 40 cm



Galeria Superfície
Rua Oscar Freire, 240
01426-000
São Paulo
SP

info@
galeriasuperficie.
com.br

www.
galeriasuperficie.
com.br

REALIZAÇÃO
Galeria Superfície

DIREÇÃO
Gustavo Nóbrega

TEXTO
Leandro Muniz

PRODUÇÃO
Julia Lara Lima
Juliana Katayama
Tiê Higashi

IMAGENS
Gui Gomes

PROJETO GRÁFICO
Estúdio Margem

AGRADECIMENTOS
Renata Pedrosa
Wallace Masuko

Publicação em
ocasião da exposição
Fuso Motriz
de 16 de Setembro a
13 de Novembro de 2021

© Galeria Superfície.
Todos os direitos
reservados.

GALERIA SUPERFÍCIE